



PREFÁCIO II

BRINCANDO E CANTANDO NA ENCANTARIA DAS INFÂNCIAS

GRAÇA VELOSO

Jorge das Graças Veloso é ator, diretor e dramaturgo. Doutor em Artes Cênicas (PPGAC/Universidade Federal da Bahia - UFBA) e Professor Adjunto IV na Universidade de Brasília - UnB, com estágios pós-doutorais em Arte e Cultura Visual pela UFG e em Artes Cênicas pela UFBA. É autor de mais de uma dezena de livros sobre Etnocologia/Artes do Corpo e do Espetáculo, sendo o mais recente o e-Book *ETNOLOGIA: Pedagogias, Cenas Singulares, Pluriepistemologias*, edição do PPGCEN/IdA/UnB.

Passa, passa gavião, todo mundo é bão.

Passa, passa gavião, todo mundo é bão.

Passa, passa três veiz, a última há de ficar.

A lavadeira faiz assim, assim, assim

A passadeira faiz assim, assim, assim.

Terezinha de Jesus, numa queda foi ao chão

*Acudiram três cavaleiros, todos
três, chapéu na mão.*

O primeiro, foi seu pai, o segundo seu irmão

O terceiro foi aquele, que a Tereza deu a mão.

Versos de um cancionero infantil
tradicional dos *Brasis* de dentro.



Ao ser convidado para a escrita deste prefácio (o

que aceitei com muita alegria), inicialmente eu não conseguia me acalmar diante de uma inquietação: como falar de algo tão distante do cotidiano de leitores e leitoras que, por prioritariamente urbanos/as que são, estão inseridos/as quase que totalmente num universo das *virtualidades*. Ocorre que, para abordar a relação da infância com a Cultura Popular, jogos, brincadeiras, canções, necessário se faz uma aproximação com outras realidades, aquelas que hoje, para serem encontradas, têm que ser procuradas no chão das pequenas comunidades rurais, quilombolas, ou, raramente, nas periferias de centros urbanos menores.

Mas elas ainda existem e resistem. E mais ainda, existem e resistem nas magias e encantarias de nosso imaginário, de nossas memórias. Muito brinquei em minhas infâncias e adolescências, nos lugarejos por onde andei, por estes imensos Brasis de dentro. E privilegiadas são as/os infantes que ainda hoje, em distantes paragens, continuam brincando e cantando em rodas de adivinhações, de passa-anel, de cantigas de roda, de pique-esconde, de mocinho e bandido, de pique-pega. E que, por terem espaços privilegiados nas terras batidas de pequenas praças, de ruas empoeiradas, continuam exercendo seu inalienável direito à produção de culturas únicas e intransferíveis: as culturas da infância, vividas tão intensamente nas franjas sociais e nas distantes (material e simbolicamente) vilas, arraiais, comunidades tradicionais e/ou quilombolas de nossas terras.

Não existe, porém, nessas palavras de introdução, nenhum caráter de saudosismo ou supervalorização de um passado distante, frente à realidade do presente. É inegável que, principalmente nos meios mais urbanizados, torna-se cada vez mais difícil encontrar esse tipo de práticas culturais das infâncias, a não ser em pequenos guetos de comunidades mais voltadas à preservação de valores ancestrais ou em instituições educacionais alternativas, como em cooperativas de professores ou escolas mantidas por grupos específicos de pessoas interessadas nesse tipo de diálogos com jovens. Não é também, apesar do foco em tempos idos, uma negação de que é cada dia mais recorrente: uma compreensão de que os tempos das infâncias são produtores e mantenedores de culturas próprias. E sobre essa temática, é mais e mais possível dialogar com pensadoras e pensadores que reconhecem, nos e nas infantes, esse protagonismo cultural próprio de suas idades.

Consolida-se, em nossos tempos, uma percepção de que cada pessoa se caracteriza por sua singularidade. Mais até do que uma ideia relacionada às diferenças. Se pensamos em diferenças,



estamos pressupondo outras igualdades, o que é uma inverdade, quando nos referimos a cada sujeito e sua individualidade ou a cada grupo social e sua identidade. Isso mesmo, pois, quando nos referimos às noções de grupo social, ainda são necessárias, politicamente, afirmações de suas identidades. Como maneiras de resistir diante de normatividades hegemônicas, faz-se impositivo, ainda, apesar das abordagens sobre identidades fluidas e/ou líquidas, um portar-se a partir das identificações comuns a grupos e/ou comunidades.

Existem, portanto, maneiras próprias e perceptíveis nas identidades negras, femininas, femininas negras, indígenas, LGBTQIAPN+, de idosos, de pessoas com deficiência, ou de qualquer outro grupo que se coloca fora do hegemônico branco/masculino. E cada ser humano, individualmente, percebe o mundo e nele se coloca a partir desta sua singularidade. Uma pessoa com deficiência física percebe o mundo e no mundo se coloca a partir desta singularidade, assim como todas as outras individualidades, sejam elas étnicas, de gênero, ou outra qualquer. E assim não poderia ser diferente com as infâncias e adolescências.

Ao contrário da corrente afirmação de que todas as ações de infantes são preparatórias para a vida adulta, as culturas infantis são praticadas por pessoas dos tempos presentes. Cada saber adquirido ou inventado na convivência de seus pequenos ou grandes grupos é voltado para a realização do hoje. E cada saber ou fazer acumulado é mais uma realização para os tempos do agora. Não existem, nas culturas infantis, preocupações com o acumular pelo acúmulo, mas sim uma maneira de apreender, visando suas interações com o grupo presente, em seu momento de saber/fazer.

E esse saber/fazer se aprende coletivamente, no trânsito entre a magia e a encantaria da descoberta e da afirmação imaginária nas relações. O imaginário, para as infâncias, é tão real quanto a realidade. Ele é parte componente de seus viveres, feitos de ações que se materializam em suas corporificações pelo lúdico, pelas cantigas, pelos corre-corres, pelos pula-pulas, pelas oralidades presentes, sempre, nas maneiras de produção de seus mundos particulares, singulares e únicos. E mesmo que as brincadeiras, os jogos e os brinquedos sejam os mesmos de sempre, nunca se repetem. Por serem tão singulares, são únicos a cada vez que são acessados, compartilhados, comungados. Brincar, para infantes, é sempre fazer do mesmo, sem nunca se repetir. Não se repetem porque são sempre protagonistas da invenção, da reinvenção e dos “faz de conta”. E, a cada momento, a relação com os e as pares se reveste de desconhecidos, de descobertas.

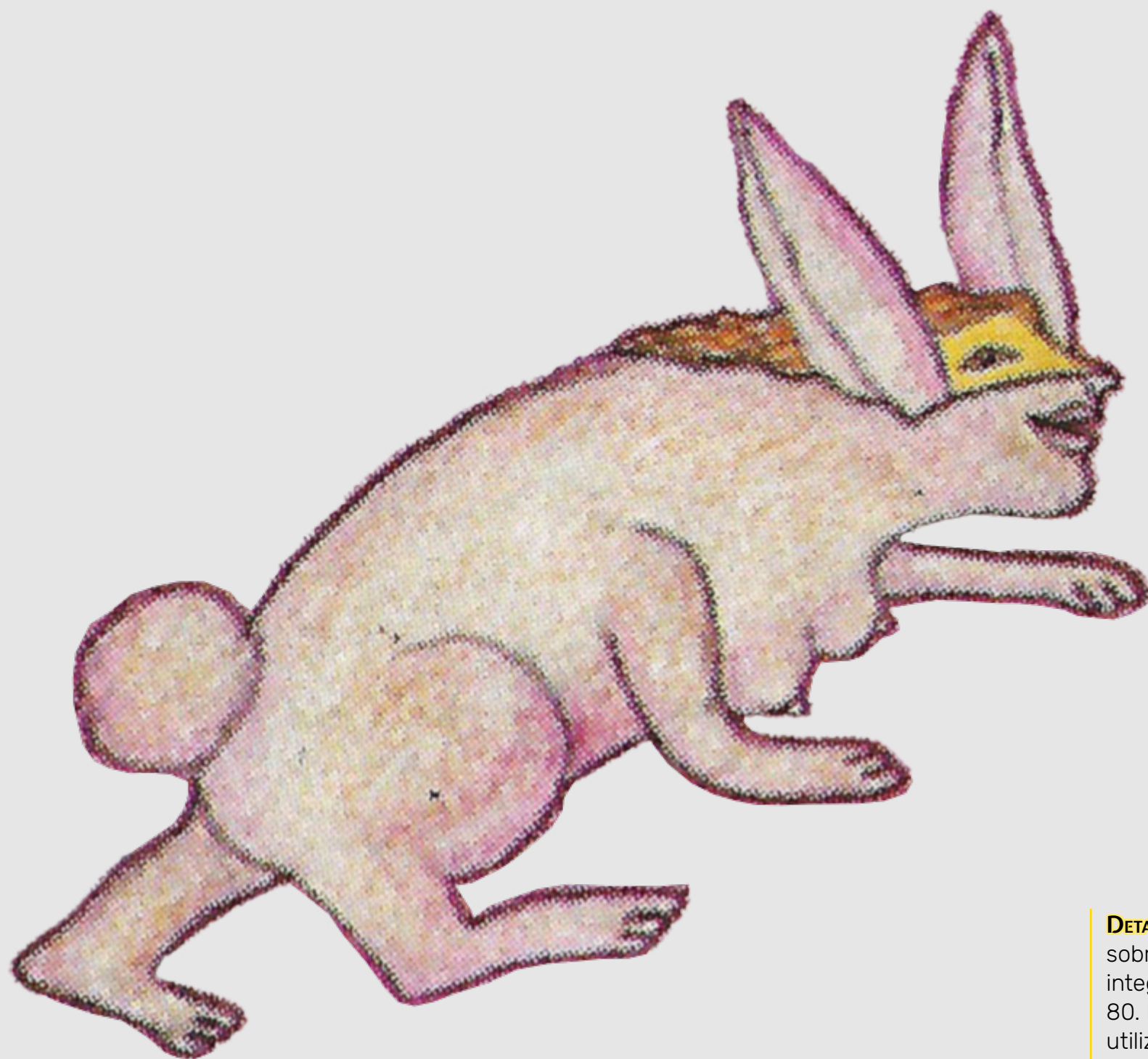


Partindo desses pressupostos, as culturas infantis mantêm, sim, saberes ancestrais, passados de geração a geração, desde suas heranças mais primevas, o passo que também modificam, reinventam, ressignificam esses saberes e essas heranças. Como protagonistas que são de seu agora, infantes produzem suas culturas com autonomia. Principalmente por algumas razões que se apresentam: são baseadas na ludicidade, não têm compromissos com a permanência e não estão submetidas às normas rígidas do adulto.

Crianças são capazes de fazer, desfazer, inventar, reinventar e depois novamente desconstruir tudo para recomeçar do nada. O que importa é o prazer do estar juntos/as, aqui/agora, fazendo e refazendo. Isso não significa ausência absoluta de regras. Pelo contrário: elas são detentoras de suas próprias regras e as defendem com a mesma capacidade que têm de reinventá-las.

Por isso a permanência, em nossas memórias, mesmo nas mais avançadas idades, de nossos vividos “passa, passa gavião, todo mundo é bão”, “passa, passa três vezes, a última há de ficar”. São heranças matriciais de um imaginário que, no mundo das tradições de nossos Brasis de dentro, insistem em permanecer, mesmo que outras tecnologias, virtuais ou não, nos imponham também outras maneiras de viver. Mas as nossas infâncias não passam, sempre se repetirão em nossos mundos lúdicos e imaginários, em nossos eternos “faz de conta” que nos mantêm vivas/vivos para continuar existindo. Se, como diz Guimarães Rosa, “viver é muito perigoso”, a re-existência de nossos tempos de jogar, brincar, cantar, dançar nas lembranças infantis torna esse “perigo”, lembrando Nietzsche, menos sofrido em nossa eterna “dor da consciência da finitude”.

Voltando, porém, às crianças de nossos mundos de tradições, as heranças culturais de infantes existem e são praticadas, porém elas estão sempre relacionadas aos contextos do presente de cada grupo. Se ressignificam a partir de seus lócus geográficos, étnicos, de relação com a natureza, se urbanas ou rurais, se de grupos historicamente subalternizados ou se têm acesso às inovações tecnológicas ou não. Uma coisa, porém, está sempre presente: são culturas do coletivo, da solidariedade, do comunitário. São sempre culturas do estar juntos, em festas do brincar.



DETALHE DE UMA PINTURA-DESENHO-COLAGEM

sobre eucatex, de **Sonia Rangel**, que integra uma série produzida nos anos 80. Esta série se caracteriza pela utilização na colagem de fragmentos de roupas de bonecas costuradas pela própria artista. Tratamento das imagens: Zé de Rocha e Vanessa Cercil.